

Uma proposta de distinção semântica para os intensificadores *muito* e *bem*

(A degree semantic treatment for the Brazilian Portuguese intensifiers *muito* and *bem*)

Ana Quadros Gomes¹

¹ Departamento de Letras Vernáculas – Universidade Federal do Rio de Janeiro (LEV-UFRJ)

anaquadrosgomes@letras.ufrj.br

Abstract: Degree modifiers (DMs) change the relation between compared degrees. Brazilian Portuguese (BP) DMs do not specialize in modifying Gradable Adjectives (GAs) with a particular scale structure, but each one produces modified adjective phrases of a certain type. ‘Bem’ takes a category to which the GA argument belongs as the parameter and demands that the degree of the individual overlaps with the degree of the parameter. ‘Muito’ reminds ‘very’: the standard comes from the context and must show a distinct degree from the one the GA’s argument is mapped to.

Keywords: Degree Semantics; Gradable Adjectives; Intensifiers; *Bem*; *Muito*.

Resumo: Intensificadores impõem condições sobre a relação entre o grau do argumento de um adjetivo e o do parâmetro de comparação assumido. Embora todo intensificador incremente o grau da propriedade, os produtos de modificação por ‘muito’ e por ‘bem’ têm condições de verdade distintas. ‘Bem’ requer que o indivíduo-argumento do adjetivo exiba um grau da propriedade coincidente com o da classe à qual esse indivíduo pertence. ‘Muito’ sempre requer que os graus comparados sejam disjuntos.

Palavras-chave: Semântica de Graus; Adjetivos de Grau; Intensificadores; *Bem*; *Muito*.

Introdução

Intensificadores aumentam o grau da propriedade do argumento do adjetivo: um ‘pé muito grande’ é maior que um ‘pé grande’. Neste artigo, defenderemos que dois intensificadores não são sinônimos: o produto da intensificação por ‘muito’ tem condições de verdade distintas do produto da intensificação por ‘bem’. Defenderemos que ‘muito’ exige a disjunção dos graus comparados, enquanto ‘bem’ exige sua conjunção, e que tais intensificadores adotam parâmetros de tipos distintos. Sustentaremos ainda que há diferenças paramétricas entre os processos de intensificação do português (analisados aqui) e os do inglês (analisados por Kennedy e McNally 2005). Para tanto, faremos o seguinte percurso: primeiramente, daremos uma ideia de como a semântica de graus trata os intensificadores; depois, compararemos ‘bem’ a ‘muito’, descrevendo seus respectivos parâmetros e detalhando como esses intensificadores operam. Após explicarmos como nossa análise cobre os dados trabalhados, argumentaremos que ela é compatível com análises anteriores, representadas aqui pela de Rodolfo Ilari et al (1993). Esperamos, neste trabalho, contribuir para a descrição do Português do Brasil (PB) e para a semântica de graus, numa perspectiva que entretém a existência de universais e de parâmetros semânticos.

Intensificadores na visão da Semântica de Graus

Segundo Kennedy e McNally (2005), adjetivos de grau (AGs) denotam funções de medida que associam seu argumento (o indivíduo denotado pelo sintagma nominal — SN — com que concordam) a certo grau na escala da propriedade relevante. Consideremos, por exemplo, os AGs associados à propriedade LARGURA:

(01) A passagem é larga.

(02) A passagem é estreita.

Assumindo que o SN ‘a passagem’ se refere ao túnel que liga a Avenida Rebouças à Eusébio Matoso, em São Paulo (SP), um AG — ‘largo’, em (01) ou ‘estreito’, em (02) — apenas leva seu argumento (‘a passagem’) ao grau correspondente à medida da propriedade (LARGURA) para esse indivíduo (9m, no caso).¹ A distinção semântica entre ‘estreito’ e ‘largo’ é obtida com um segundo passo. O grau de LARGURA do túnel ainda precisa ser comparado a outro. Não é preciso haver um constituinte sentencial que denote esse segundo termo da comparação, o dito parâmetro. Assim mesmo, os autores assumem a comparação como parte da semântica de qualquer AG. Para eles, a relação estabelecida entre o grau do argumento do AG e o grau do parâmetro faz julgar a predicação adjetival verdadeira ou falsa. E tal relação é regulada por uma morfologia de grau não-pronunciada, batizada de *pos*. *Pos* opera de forma similar à da morfologia de grau pronunciada (‘*mais*’/ ‘*menos*’/ ‘*tanto*’ *que*).

Retomemos os exemplos (1) e (2). Assumida a comparação implícita, já podemos distinguir um AG do outro. O polo positivo da escala de LARGURA, ‘largo’, exige que o grau do argumento do AG seja maior que o do parâmetro (assim como ‘*mais*’ *que*). O polo negativo da mesma escala, ‘estreito’, requer que o grau de seu argumento fique abaixo do grau do parâmetro assumido (assim como ‘*menos*’ *que*).

A verdade da predicação com os AGs ‘largo’ e ‘estreito’ depende de que parâmetro de comparação o falante escolhe; daí eles serem ditos “relativos”. Tendo em mente a passagem de um New Beetle, (01) é uma sentença verdadeira e (02) é falsa. Entretanto, considerando a passagem de uma enorme jamanta, dá-se o inverso: a sentença verdadeira é (02) e a falsa é a (01). Esses juízos são fruto da mencionada comparação implícita. O New Beetle tem 1,72m de largura, e a jamanta, 8,99m. Fixada a referência do SN ‘a passagem’, a relação entre as medidas de largura de cada veículo e a medida de largura do túnel terá qualidades distintas. A natureza da relação entre os dois graus da propriedade (a largura do veículo e a do túnel) capta o fato de que o New Beetle passa por ali com muito mais folga que a jamanta. Por isso, (02) é falsa na comparação do túnel a um New Beetle, mas verdadeira na comparação do túnel à jamanta.

Entre os adjetivos, só os de grau (AGs) aceitam intensificação. Um teste para identificar se o adjetivo é ou não de grau é submetê-lo à modificação por intensificadores (cf. FOLTRAN; CRISÓSTIMO, 2005; FOLTRAN, 2007). O intensificador atua sobre a relação entre o grau do argumento do adjetivo e o grau do parâmetro de comparação, impondo condições extras sobre essa relação. Comparemos (02) a (03), abaixo:

(03) A passagem é muito estreita.

¹ Os valores numéricos são um recurso expositivo. Não se postula que o falante tenha de saber as medidas exatas de cada argumento de um adjetivo; basta que ele faça um juízo de valor aproximativo. Adjetivos operam com relações, estas sempre marcadas ou pela vagueza ou pela imprecisão.

A passagem do túnel pode ser ‘estrita’ e, ainda assim, não se qualificar como ‘muito estrita’. Uma jamanta com eixos metálicos de 7m de largura e com um carregamento de espuma macia que atinge 8,99m de largura até pode atravessar o túnel, caso a carga agüente a compressão. O motorista ficará apreensivo, por a passagem ser ‘estrita’, mas, nessas condições, ele pode considerar que a passagem não é ‘muito estrita’, e arriscar conduzir o veículo pelo túnel. Porém, caso a jamanta atinja 12m de largura, seu motorista certamente não hesitará em buscar um caminho alternativo, evitando o túnel, agora uma passagem ‘muito estrita’.

A ordenação instaurada por *pos* + AG se mantém em presença do intensificador: o argumento de ‘muito estrita’ (03), assim como o de ‘estrita’ (02), tem de apresentar um grau de LARGURA inferior ao do parâmetro. Tanto que, se o parâmetro for o New Beetle, a sentença (03) será tão falsa quanto a (02). O MD acrescenta uma nova exigência a essa relação, que aparece, em (03), na forma de um tamanho mínimo para o intervalo que marca na escala a distância entre o grau do túnel e o do veículo. O tamanho do intervalo entre os dois graus comparados não influi nas condições de verdade quando o adjetivo não está intensificado, como, por exemplo, na sentença (02). É por isso que, para a passagem se qualificar como ‘muito estrita’, a diferença entre os graus comparados precisa ser mais expressiva. Por exigirem mais da relação entre os graus comparados, os intensificadores são considerados modificadores de graus (MGs).

No quadro teórico adotado, há um número limitado de estruturas lógicas possíveis para escalas, e a entrada lexical de cada AG corresponde a uma delas. Os AGs relativos apresentam escala aberta, pois, nessa estrutura, só quando se resolve o contexto fica configurado se o grau do argumento marca o extremo inferior ou o superior do segmento que vai dele ao grau associado ao parâmetro. Isso porque o falante pode optar, em certo contexto, por tomar por parâmetro um indivíduo² com um grau da propriedade menor; ou preferir outro parâmetro, com um grau da propriedade maior que o exibido pelo argumento do AG. Como vimos, assumindo a jamanta como parâmetro, o grau de LARGURA de ‘a passagem’ é o mais baixo do intervalo em (01); entretanto, se o parâmetro assumido for o New Beetle, o grau de LARGURA de ‘a passagem’ em (01), embora seu valor não se altere, marcará o extremo superior do intervalo formado pelos dois graus comparados.

Há também AGs de escala fechada. Vejamos um exemplo:

(04) O cliente está satisfeito.

Sempre que o produto ou serviço adquirido estiver dentro do patamar de qualidade internalizado pelo cliente, ele experimentará 100% de SATISFAÇÃO, e a sentença (04) será verdadeira. Quando o grau da SATISFAÇÃO experimentada for não-máximo, o cliente estará ‘insatisfeito’, e a sentença (04) será falsa.

O que classifica a escala de SATISFAÇÃO como “fechada” é o fato de sabermos — de antemão, sem precisarmos considerar o contexto — que, sendo verdadeira a sentença (04), o grau atribuído ao argumento de ‘satisfeito’ será o máximo. Em razão de o padrão de qualidade que informa o parâmetro da escala ser intrínseco ao argumento do AG, esse

² Usamos “indivíduo” como um termo técnico da semântica, para designar uma denotação atômica (‘o menino’, ‘a areia’), molecular (‘os meninos’) ou de *Kind* (‘leite’, em ‘leite é proteico’; ‘leão’, em ‘leão tem juba’) de SNs.

padrão o acompanhará em todas as suas experiências de compra de bens ou serviços. Consequentemente, mudanças de cenário não vão afetar a verdade de (04) como afetavam a de (01) ou a de (02). Por isso, AGs de escala fechada são também chamados de “absolutos”: o parâmetro não pode ser livremente extraído do contexto, mas é fixado independentemente da situação em consideração.

Observe-se que o parâmetro pode ser um só para os dois polos da mesma escala. O parâmetro de SATISFAÇÃO é o grau máximo, que representa a emulação do padrão de qualidade do cliente pela qualidade do produto ou serviço. O polo positivo (‘satisfeito’) requer sobreposição entre os dois graus comparados: o argumento do AG na situação examinada tem de receber o grau máximo da propriedade, que é o mesmo grau do parâmetro. Já o polo negativo de SATISFAÇÃO requer que o grau do seu argumento seja distinto do grau do parâmetro; dado que o parâmetro é o grau máximo da escala, o grau do argumento de ‘insatisfeito’ necessariamente será a ponta inferior do intervalo formado pelos graus comparados.

AGs absolutos podem receber intensificação:

(05) O cliente está bem satisfeito.

Que o grau de SATISFAÇÃO do cliente na situação considerada seja o máximo é um requisito tanto para a verdade de (04) quanto para a de (05). A presença de ‘bem’ enfatiza os 100% de SATISFAÇÃO: em (05), o cliente está tão ‘satisfeito’ quanto se pode estar, implicando que ele não teria mesmo como ficar ainda mais satisfeito.

Vejamos como a intensificação opera no polo oposto da escala:

(06) O cliente está insatisfeito.

(07) O cliente está bem insatisfeito.

Tanto (06) quanto (07) serão sentenças verdadeiras se o grau de SATISFAÇÃO do cliente for distinto do grau do parâmetro, ou seja, distinto do máximo. Entretanto, o tamanho da diferença entre os graus comparados só importa para (07). Imaginemos que o cliente experimente 95% de SATISFAÇÃO. Nesse caso, (06) será uma sentença verdadeira, mas (07), não. Além de tudo o que ‘insatisfeito’ requer, ‘bem insatisfeito’ pede ainda uma distância maior entre os dois graus. Caso o cliente experimente um grau de SATISFAÇÃO de 25%, não há dúvida de que (07) será uma sentença verdadeira.

Em suma, a natureza da relação entre os graus comparados, estabelecida previamente à intensificação, depende principalmente de dois fatores: do tipo de escala (aberta ou fechada) e do polo da escala representado pelo AG (positivo ou negativo). Em escalas abertas, a relação é sempre de disjunção entre os graus comparados; o polo positivo (p. ex., ‘largo’) requer que o grau de seu argumento represente o extremo superior do intervalo, enquanto o polo negativo (p. ex., ‘estrito’) exige que o grau de seu argumento seja o menor no intervalo. O parâmetro de adjetivos de escalas abertas é provido pelo contexto, o que torna a verdade de sentenças com AGs “relativos” suscetível à manipulação contextual. Já em escalas fechadas, o parâmetro é provido por uma dimensão ou propriedade do indivíduo sobre o qual o adjetivo predica; portanto, a verdade de sentenças com AGs “absolutos” independe do contexto.

Pelo menos um polo da escala fechada é sempre associado a uma ponta do intervalo demarcado pela comparação. Vimos que ‘satisfeito’ requer que seu argumento apresente

exatamente o grau máximo da propriedade. O outro polo da mesma escala, ‘insatisfeito’, aceita que seu argumento apresente qualquer grau de SATISFAÇÃO diferente de 100%. Os polos de escalas fechadas que aceitam um único grau impõem uma relação de coincidência entre o grau de seu argumento e o do parâmetro; os polos de escala fechada que aceitam diversos graus, desde que sejam distintos do grau do parâmetro, requerem disjunção entre os graus comparados.

Um MG atua sobre os polos de escalas fechadas que requerem que os graus comparados fiquem disjuntos (p. ex., ‘insatisfeito’) da mesma forma que atua sobre AGs de escala aberta (p. ex., ‘largo’, ‘estreito’): exigindo mais distância entre os graus comparados. Quando atua sobre o polo de uma escala fechada que requer sobreposição entre os graus comparados (p. ex., ‘satisfeito’), a exigência de mais distanciamento entre os graus comparados não pode ser cumprida, por razões lógicas. O argumento de ‘satisfeito’, por exemplo, tem de apresentar um grau igual ao do parâmetro, ou seja, o máximo. Ora, não existe grau acima do máximo. Logo, o argumento de ‘bem satisfeito’ não pode apresentar um grau maior do que o do parâmetro, nem maior do que o que deve ser apresentado pelo argumento do adjetivo não-intensificado (‘satisfeito’).

Salvo o caso em que o adjetivo é o polo da escala fechada que exige sobreposição com o parâmetro,³ o argumento de um AG intensificado de polo positivo (p. ex., ‘roupa muito larga’) sempre tem de apresentar um grau da propriedade marcadamente mais alto que o do AG não intensificado (p. ex., ‘roupa larga’). Por outro lado, novamente salvaguardados os casos de polos de escalas fechada que exigem sobreposição entre o grau do argumento do AG e o do parâmetro,⁴ o argumento de um AG intensificado de polo negativo (p. ex., ‘bem insatisfeito’) precisa apresentar um grau consideravelmente mais baixo da propriedade que o argumento do mesmo AG não-intensificado (p. ex., ‘insatisfeito’). Isso é o que há de comum entre ‘muito’ e ‘bem’. Examinaremos, a seguir, em que esses MGs se diferenciam um do outro.

O parâmetro de *bem* e o de *muito*

Tanto ‘bem’ quanto ‘muito’ requerem uma distância mínima entre os graus comparados, se a comparação é de disjunção. Porém, cada um desses MGs toma um caminho diferente para chegar a ser interpretado como “alto grau da propriedade”. Pretendemos mostrar que ‘bem’ e ‘muito’ adotam parâmetros de tipos distintos.

Vimos na seção anterior que ‘bem satisfeito’ (exemplo (05)) significa o mesmo que ‘satisfeito’ (exemplo (04)). Vimos que ‘bem satisfeito’ implica “tão satisfeito quanto se pode ficar”, com ênfase na maximalidade do grau. Vamos ver se ‘muito satisfeito’ também significa, necessariamente, “maximamente satisfeito”:

(08) O cliente está muito satisfeito.

³ Aí a diferença entre graus é logicamente impossível. ‘Bem vazio’ e ‘vazio’ marcam grau zero de OCUPAÇÃO, pois não existem graus abaixo de zero; ‘bem cheio’ e ‘cheio’ marcam 100% de OCUPAÇÃO, pois não existem graus acima da completude (100%) da propriedade.

⁴ O parâmetro de uma escala fechada tanto pode coincidir com o seu grau máximo (SATISFAÇÃO) como com o zero (SUJEIRA). Estará ‘sujo’ o indivíduo que apresentar qualquer grau acima de 0% de SUJEIRA; mas só sem sujeira alguma (com grau igual ao parâmetro) o indivíduo estará ‘limpo’.

Intuitivamente, ‘muito satisfeito’ requer um grau de SATISFAÇÃO mais alto que ‘satisfeito’. Ou seja, o MG requer que o grau atribuído ao argumento do AG se distancie mais do parâmetro. Porém, se o parâmetro de ‘muito satisfeito’ fosse o mesmo do AG não-modificado, ‘satisfeito’, ou seja, o grau máximo da escala, um aumento da distância entre os graus comparados seria logicamente impossível.

Ocorre que, em sentenças com ‘muito satisfeito’, como (08), pode-se escolher um parâmetro de comparação diferente do patamar de qualidade adotado pelo cliente. Vamos supor uma pesquisa de satisfação entre os clientes de uma loja. Célia assinalou um grau de 88% de SATISFAÇÃO, e Pedro, um grau de 68% de SATISFAÇÃO. Todos os outros clientes assinalaram um grau abaixo de 50%. Conhecendo a pesquisa, referindo-se a Célia e tomando Pedro como parâmetro, alguém pode usar (8) com pertinência. Nesse cenário, a referência de ‘o cliente’ apresenta um grau de SATISFAÇÃO diferente de 100% e (08) é verdadeira; mas a sentença sem intensificador ((04), ‘O cliente está satisfeito’) é falsa, bem como é falsa a versão de (8) com ‘bem’ (o exemplo (05): ‘O cliente está bem satisfeito’).

Para ‘satisfeito’ e para ‘bem satisfeito’, o parâmetro não é livre. No caso de AGs absolutos fixados no grau máximo, modificados ou não por ‘bem’, o parâmetro é necessariamente certa dimensão inerente ao seu argumento. Em contraste, ‘muito’ + AG absoluto (‘muito satisfeito’) se comporta como um AG relativo não-modificado (‘largo’), permitindo que o parâmetro seja livremente suprido pelo contexto.

Esse fato faz repensar a igualdade dos intensificadores. É verdade que tanto ‘muito’ quanto ‘bem’ intensificam AGs de escala aberta (‘muito estreito’, ‘bem estreito’) e fechada (‘muito satisfeito’, ‘bem satisfeito’).⁵ Ainda que o AG não-modificado (‘satisfeito’) tenha escala fechada, ‘muito’ + AG tem sempre escala aberta. Vimos que escalas abertas são suscetíveis à manipulação contextual. Nenhuma mudança de contexto altera o julgamento de verdade de (09). Mas isso vale para (10)?

(09) O copo está cheio.

(10) O copo está muito cheio.

A verdade da sentença com o AG absoluto não-intensificado (09) é impermeável ao contexto: depende exclusivamente do estado do argumento do adjetivo. Qualquer copo com mais conteúdo do que tiver capacidade para reter transbordará. O parâmetro (o grau máximo da escala) é informado pela capacidade do recipiente. A sentença (09) só será verdadeira se o copo estiver 100% ocupado. Se não contiver nada (com 0% de OCUPAÇÃO), o copo estará ‘vazio’. Se contiver um volume distinto de 0% e distinto de 100% de sua capacidade de retenção, o copo não estará nem ‘cheio’ nem ‘vazio’. Mas que volume o copo precisa conter para (10) ser uma sentença verdadeira?

Isso depende do contexto.

Imaginemos que Pedro não beba. Seus colegas de trabalho insistem para que ele faça um brinde à saúde do chefe. Ele cede, mas pede que lhe sirvam só o mínimo necessário para o brinde. Alguém dá meio copo de cerveja a Pedro. Nesse contexto, Pedro pode enunciar (10), expressando que seu copo tem mais cerveja do que o solicitado. Embora, nesse cenário, o copo possa ser descrito como ‘muito cheio’, (09) não é uma descrição

⁵ Sobre a seleção de AGs pelos MGs do PB, ver Quadros Gomes (2009).

adequada para a situação: o copo a que nos referimos está ‘pela metade’: nem está ‘cheio’ nem ‘vazio’.

Suponhamos agora que uma colega de Pedro, Tânia, disposta a beber, tenha sido a última a ser servida na rodada. A cerveja restante na garrafa só deu para encher seu copo até a metade. O copo dela e o de Pedro apresentam exatamente o mesmo volume de conteúdo. Não obstante, Tânia pode descrever seu copo como ‘muito vazio’, por conter menos cerveja do que ela gostaria. Para ela, (10) é uma sentença falsa.

Concluimos que a verdade de sentenças com ‘muito’ é contextualmente manipulável, seja o AG modificado relativo ou absoluto. ‘Muito cheio’ requer que seu argumento exiba um grau da propriedade notavelmente acima do exibido pelo parâmetro. Como, no copo de Pedro, há mais que o dobro de volume de cerveja do que ele gostaria, (10) é uma sentença verdadeira nessa situação.

Vejamos agora se ‘bem’ se comporta como ‘muito’:

(11) O copo está bem cheio.

No contexto do brinde ao chefe, nem o copo de Tânia nem o de Pedro podem ser descritos como ‘bem cheios’. O fato relevante ainda é o estado do copo, contendo apenas 50% da capacidade; as expectativas de Tânia ou de Pedro quanto ao volume de bebida não têm nenhum efeito sobre a verdade de (11).

Vejamos agora se ‘bem’ produz predicções com independência contextual quando o AG é relativo:

(12) O carro do chefe de Pedro é bem caro.

Digamos que o carro a que a sentença se refere custe R\$ 65.000,00. Ele pode ser ‘bem caro’ para Pedro, cujo salário é de R\$ 5.000,00; e, no entanto, não ser ‘bem caro’ para o chefe dele, que ganha R\$ 30.000,00 por mês. O carro pode até ser considerado ‘bem barato’, caso se trate de um modelo avaliado na tabela FIPE em R\$ 128.689,00.

Como interpretar esse dado? Sentenças com ‘bem’ + AG relativo, como (12), parecem poder ser julgadas de acordo com parâmetros providos pelo contexto. Mas as com AGs absolutos, não; se assim fosse, ‘bem cheio’ se comportaria como ‘muito cheio’. Qual é a semântica intrínseca de ‘bem’? Como resultados distintos podem ser obtidos compondo ‘bem’ com o significado de AGs relativos e com os de absolutos?

Se há um tipo de parâmetro único para o sintagma complexo ‘bem’ + AG, então identificá-lo é mais intrincado do que foi determinar o de ‘muito’, o qual, como já vimos, é sempre relativo. É a investigação do parâmetro de ‘bem’ + AG que empreenderemos a seguir.

Investigando o parâmetro de ‘bem’

Apesar de tanto ‘bem’ quanto ‘muito’ modificarem AGs com qualquer tipo de escala, como vimos, eles não são sinônimos. ‘Muito’ + AG é um predicado cuja aplicação ao seu argumento (o indivíduo denotado pelo SN com que o AG concorda) é afetada por mudanças no contexto, uma vez que o parâmetro de comparação dessa expressão complexa é sempre provido pelo próprio contexto. Isso não vale para ‘bem’.

Para investigar a semântica de ‘bem’, apontaremos primeiro o que esse MD não pode significar. De (13) a (16), ‘bem’ é inadequado, mas ‘muito’ é plenamente aceito:

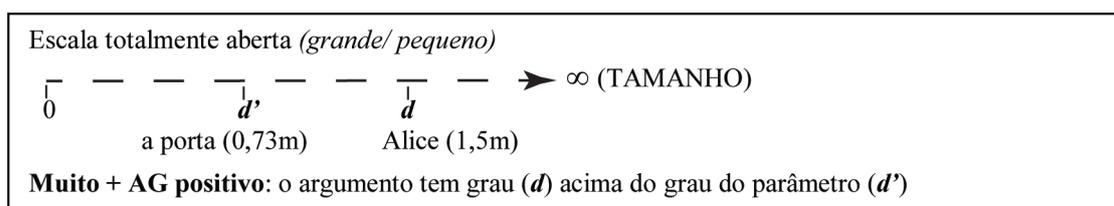
- (13) Alice era muito grande para passar por aquela porta.
 (14) #Alice era bem grande para passar por aquela porta.
 (15) A porta por onde o coelho entrou era muito pequena para Alice.
 (16) #A porta por onde o coelho entrou era bem pequena para Alice.

O cenário é *Alice no País das Maravilhas*, na cena em que a menina não consegue seguir o coelho branco por ser grande demais para transpor a passagem para o jardim. ‘Muito grande’ pode significar ‘grande demais’ (13) e ‘muito pequena’ pode significar ‘pequena demais’ (15). Mas as sentenças (14) e (16) não podem veicular a constatação de que, dada a discrepância de tamanho entre a menina e a porta, foi impossível sua entrada no jardim.

Como estratégia de pesquisa, vamos examinar como ‘muito grande’ pode ter a leitura de que Alice não passa pela porta (14). Essa leitura requer que o grau de TAMANHO de Alice exceda o grau de TAMANHO da porta. Ora, essa é precisamente a relação requerida por polos positivos de AGs relativos não-modificados: o grau da propriedade do argumento do AG precisa ser maior que o do parâmetro de comparação assumido pelo contexto. ‘Muito’ requer que a diferença entre os dois graus comparados seja mais acentuada.

Dada a semântica proposta para ‘muito’ + AG, a escala responsável pela leitura relevante de (13) está graficamente representada como na figura 1, abaixo:

Figura 1. A escala de ‘muito grande’, com o sentido de ‘grande demais’



Na figura 1, d' é o grau de TAMANHO da porta (o equivalente a 73cm), que serve de parâmetro à comparação; e d é o grau de TAMANHO do argumento do AG (Alice, que tem 1,5m de altura). Esse segmento de escala satisfaz a semântica de ‘muito’ porque há um intervalo considerável entre os graus comparados. Essa escala também satisfaz o requerimento de um AG relativo de polo positivo não-intensificado: o de que seu argumento (Alice) apresente um grau de propriedade maior do que o apresentado pelo parâmetro (a porta).

É evidente que ‘bem grande’ também significa ‘bem maior’; isto é, tanto para ‘muito grande’ quanto para ‘bem grande’, a ordem entre os dois graus comparados é a representada na figura 1: o grau do argumento do AG tem de exceder o do parâmetro de comparação. Tanto é assim que podemos expressar que Alice apresenta um tamanho acima do exibido pela maioria das garotas de sua idade, tanto com (17) como com (18):

- (17) Alice é muito grande (para uma menina de 12 anos).

(18) Alice é bem grande (para uma menina de 12 anos).

Tanto (17) quanto (18) requerem que o grau de TAMANHO de Alice supere (significativamente) o grau de TAMANHO representativo das meninas de sua idade. Uma vez que a ordem relativa entre os graus comparados é a mesma para ‘muito grande’ e ‘bem grande’, o conjunto de fatos em (13/14) e (17/18) localiza a distinção entre ‘muito’ e ‘bem’ na natureza do parâmetro. ‘Muito’ se comporta como um AG relativo, aceitando sem restrições quaisquer parâmetros providos pelo contexto. Já ‘bem’ aceita como parâmetro meninas da idade de Alice (17), mas não a porta (15). Temos de concluir que ‘bem’ faz restrições ao tipo de parâmetro.

Confirmando que a ordem relativa entre os graus comparados é a mesma para ‘bem’ e ‘muito’, podemos expressar que Alice é mirradinha, se comparada à média das meninas de sua idade, tanto com (19) quanto com (20):

(19) Alice é muito pequena (para uma menina de 12 anos).

(20) Alice é bem pequena (para uma menina de 12 anos).

O polo negativo da escala pede a ordem inversa do positivo. Tanto em (19) quanto em (20) o grau de TAMANHO de Alice deve ser marcadamente inferior ao do parâmetro. Se ‘muito’ e ‘bem’ adotam a ordem relativa entre os graus comparados do AG que modificam, por que (14) e (16) não podem significar que o excessivo tamanho de Alice a impediu de transpor a porta?

A diferença palpável entre (14) e (18), de um lado, e (16) e (20), de outro, é que Alice não é uma porta, mas uma menina. Nem sempre o parâmetro de comparação é explicitado num sintagma como ‘para uma menina’ (20). Mas, para se obter as leituras que permitem concluir que Alice não coube no vão da porta, e, portanto, não a atravessou, é indispensável a comparação do grau de TAMANHO de um indivíduo (Alice) ao grau de TAMANHO de um outro indivíduo (a porta), e tais indivíduos não pertencem à mesma classe. Podemos então formular a restrição imposta por ‘bem’: o parâmetro precisa ser uma categoria ou classe à qual pertença o argumento do AG. Enfim, o problema com (14) e (16), como descrições da situação em que Alice não conseguiu penetrar no jardim, é que tais sentenças não atendem às exigências de ‘bem’, de que o parâmetro de comparação seja um hiperônimo do SN argumento do AG.

A análise é consistente com os exemplos em que ‘bem’ + AG forma sentenças perfeitas. ‘Um carro bem caro’ tem seu preço na faixa dos carros caros. Entendemos por (12) que o carro é caro para a categoria a que pertence. O fato de seu preço superar de longe o de um livro, por exemplo, não o qualifica como um carro ‘bem caro’. Assim, também um copo ‘bem cheio’ (11) contém volume condizente com a capacidade máxima dos copos, não com a das banheiras.

Concluimos que, para ‘bem’ + AG, controlar a ordem relativa entre os graus comparados não é suficiente: a natureza do parâmetro é fundamental. ‘Caro’ requer que o grau do argumento seja maior que o da classe de comparação. ‘Bem caro’ requer, além disso, que o parâmetro de comparação seja um hiperônimo de ‘carro’. A seguir, descreveremos a modificação de AGs por ‘bem’, agora à luz das suas restrições à natureza do parâmetro.

Descrevendo como o MG *bem* opera

Como vimos, ‘bem cheio’, como ‘cheio’, significa ocupado no grau máximo. Diferentemente de ‘muito’, ‘bem’ preserva a fixação do grau (em máximo ou mínimo) típica do parâmetro dos adjetivos absolutos.

Uma mera troca de cenários não afeta o valor de verdade da sentença com ‘bem’, pois o parâmetro de ‘bem’ nunca poderá ser um outro indivíduo atômico saliente no contexto. Contudo, uma vez que há vários hiperônimos para um mesmo SN, o valor de verdade da sentença com ‘bem’ pode ser afetado pela escolha de uma ou outra categoria como parâmetro. Se os carros que estão ao alcance do poder aquisitivo de Pedro são um subconjunto dos carros que estão ao alcance do poder aquisitivo de seu chefe, o mesmo carro pode ser ‘bem caro’ tomando como parâmetro os veículos que cabem no bolso de Pedro (12), mas não quando o parâmetro é o conjunto de carros que está de acordo com o poder aquisitivo de seu chefe. No caso de ‘bem’, a “relativização” do grau máximo ou mínimo correspondente ao polo fechado da escala é sempre fruto da escolha de uma ou de outra (sub)classe para parâmetro.

Um único grau da propriedade satisfaz o AG de polo fechado; no caso de ‘cheio’, esse grau é o máximo. Tanto um copo ‘cheio’ quanto um ‘bem cheio’ terão de exibir 100% de OCUPAÇÃO; porém, um ‘copo bem cheio’ estará “tão cheio quanto um indivíduo daquela classe pode estar”, uma vez que o parâmetro de ‘bem’, com o qual o estado do argumento tem de coincidir, é a classe a que o copo pertence. Se a escala for fechada no grau mínimo, só o grau zero tornará tanto a predicação com o AG quanto a com ‘bem’ + AG verdadeiras do seu argumento. Um ‘copo bem vazio’ estará “tão vazio quanto um indivíduo daquela classe pode estar”. Logo, ‘bem’ + AG de polo fechado distingue-se do AG sem intensificação não por requerer um grau distinto da mesma propriedade, mas porque o grau em que o argumento de ‘bem’ apresenta essa propriedade é representativo da categoria a que esse indivíduo pertence, o que dá ao grau de seu argumento uma tipicidade ausente do AG isolado.

Vejamos como ‘bem’ modifica o polo aberto de uma escala fechada na ponta inferior. Um copo que alguém usou para beber água pode ser considerado ‘sujo’ (ele precisa ser lavado antes de outra pessoa fazer uso dele), e, ainda assim, não ser considerado ‘bem sujo’. Como se deriva o significado de ‘bem sujo’?

Qualquer grau de SUJEIRA maior que nada permite descrever um indivíduo como ‘sujo’. Na figura 2, a seguir, representamos o conjunto de graus que rende ‘sujo’ verdadeiro por uma faixa contínua, que vai do primeiro valor positivo distinto de zero ao grau máximo de SUJEIRA. ‘Bem’ respeita a orientação do próprio AG, que é o polo positivo da escala. Assim, se o argumento de ‘sujo’ é ‘copo’, ‘bem sujo’ situa o parâmetro, a classe dos ‘copos’, internamente ao contínuo definido por ‘sujo’, na porção que traz os graus mais altos. O argumento de ‘bem sujo’ tem de apresentar um grau alto da propriedade, o mais afastado possível do grau do parâmetro do AG não-intensificado, considerado em relação à categoria que o contém. Daí ‘copo bem sujo’ significar “tão sujo quanto um indivíduo da classe dos copos pode estar”.

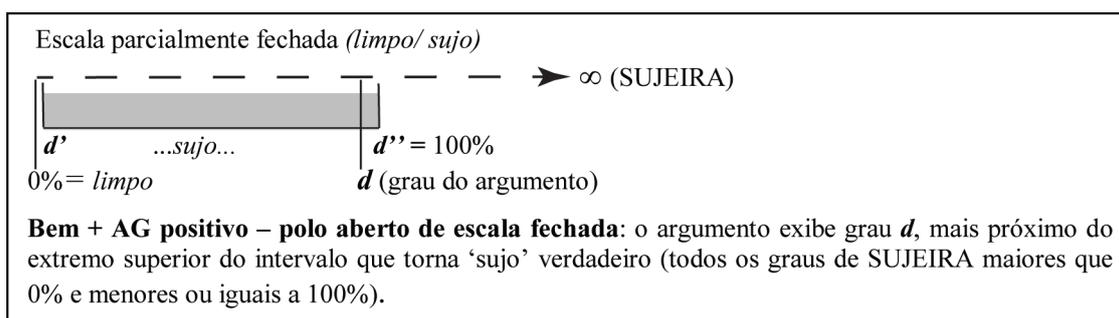


Figura 2. A escala de ‘bem sujo’

Vejamos o que ocorre com o polo aberto de uma escala fechada só no extremo superior, como ‘insatisfeito’. Indivíduos que apresentem um ou outro grau não-máximo da propriedade estão ‘insatisfeitos’. ‘Bem’ escolhe uma parte menor da zona demarcada pelo AG, respeitando a orientação do próprio AG. Uma vez que ‘insatisfeito’ é o polo negativo da escala, para ‘cliente bem insatisfeito’, ‘bem’ situa o parâmetro, a classe dos ‘clientes’, internamente ao contínuo definido por ‘insatisfeito’, na porção que traz os graus mais baixos. Se estiver ‘bem insatisfeito’, o cliente estará “tão insatisfeito quanto um indivíduo da classe dos clientes pode estar”, como representado na figura 3:

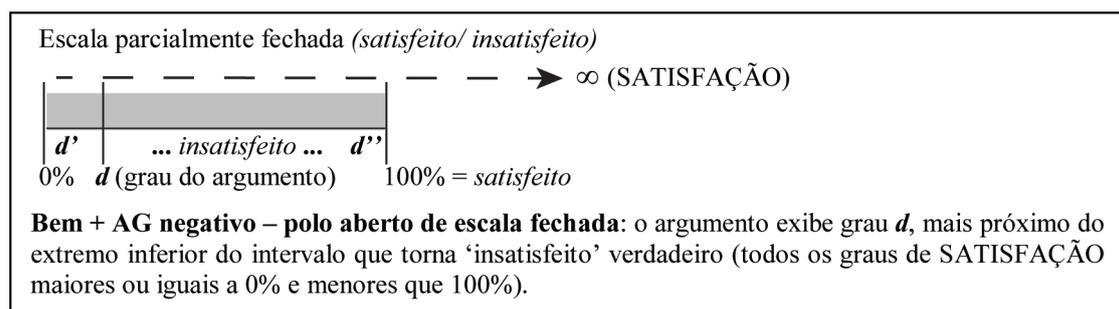


Figura 3. A escala de ‘bem insatisfeito’

Agora só falta representarmos ‘bem’ modificando AGs relativos. É aqui que se nota mais claramente como restrições sobre o tipo de parâmetro interferem na semântica da predicação.

AGs relativos de polo positivo (‘grande’) exigem que o seu argumento apresente um grau da propriedade superior ao do parâmetro. Inversamente, o argumento de AGs relativos de polo negativo (‘pequeno’) deve apresentar um grau da propriedade inferior ao do parâmetro. A ordem relativa requerida por AGs relativos exige disjunção entre o grau de seu argumento e o do parâmetro. No entanto, ‘bem’ requer a sobreposição do grau do parâmetro e do grau do argumento do AG na escala. Por isso, ser ‘bem grande’ nunca poderia significar ser maior que a porta tomada como parâmetro, ainda que Alice pertencesse à classe das portas. Como é construída a interpretação de ‘bem grande’?

Primeiramente, é preciso selecionar o parâmetro de comparação entre classes a que o indivíduo denotado pelo argumento do AG pertença. Por exemplo, no caso de ‘Alice é bem grande’, o parâmetro pode ser ‘meninas da faixa etária a que Alice pertence’. O parâmetro tem de ser situado na escala de TAMANHO. Não há um único grau de TAMANHO que descreva a classe completa, pois cada menina de 12 anos pode ter um tamanho diverso

do da outra. Mas o problema da diversificação é resolvido marcando na escala uma faixa contínua de graus, compreendendo o intervalo que vai da menor altura atribuída a meninas de 12 anos até a maior medida de altura atribuída a esse conjunto de indivíduos. Esse contínuo de graus delimitado na escala para o parâmetro não é tecnicamente diverso do contínuo demarcado para o polo aberto de uma escala fechada, como ‘sujo’. Trata-se de um mecanismo independentemente necessário, visto que os falantes já operam com escalas em que diversos graus rendem uma predicação verdadeira, como no caso de ‘sujo’.

‘Bem’ requer a coincidência entre os graus comparados. Logo, o grau do argumento do AG precisa estar incluído na faixa de graus que corresponde ao parâmetro. O AG ‘grande’ leva Alice ao grau na escala correspondente à medida de seu TAMANHO. Dada a orientação do AG, ou seja, uma vez que ‘grande’ é um AG de polo positivo, ‘bem grande’ requer que a grau de TAMANHO de Alice fique situado na porção mais alta do intervalo demarcado pelo parâmetro. Alice tem de estar entre os indivíduos da categoria-parâmetro que têm graus mais altos. Daí interpretação de ‘Alice é bem grande’ como ‘Alice é bem grande para uma menina de 12 anos’. A figura 4, abaixo, representa essa escala.

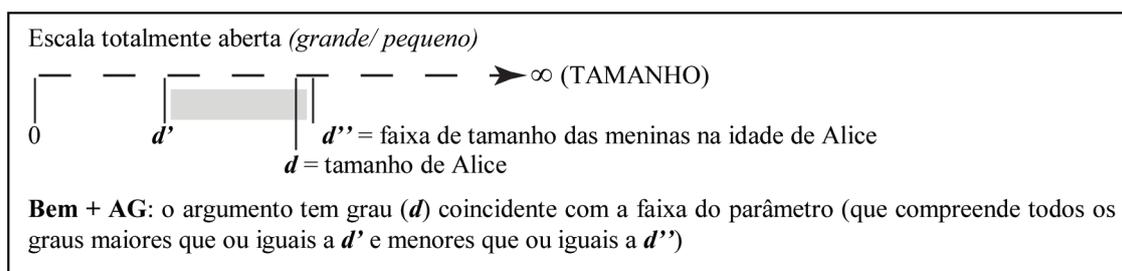


Figura 4. A escala de ‘bem grande’ (para uma menina de 12 anos)

No caso de o polo do AG relativo ser negativo, tudo permanece igual, menos a porção do segmento em que o grau do argumento deve se situar, dada a orientação do AG. Por exemplo, para ‘Jumbo é bem pequeno’, o falante pode escolher como parâmetro uma das classes em que esse indivíduo está incluído. Digamos que ele escolha FILHOTE DE ELEFANTE. O primeiro passo é a marcação do parâmetro na escala de TAMANHO. Outra vez, dado que estamos medindo uma classe, é impossível encontrar um único valor: os elefantes de certa idade não são todos exatamente do mesmo tamanho. Demarca-se então um contínuo na escala, que se estende do grau correspondente ao menor tamanho (1,2m, suponhamos) ao maior grau atribuído a um elefante filhote (digamos, 3m), como se vê na figura 5. ‘Bem’ requer que o grau de TAMANHO de Jumbo fique dentro da faixa do parâmetro. Dado que o polo do AG ‘pequeno’ é negativo, será preciso que, dentro do segmento representativo do parâmetro, o grau de TAMANHO de Jumbo fique mais próximo do menor. Assim se deriva a leitura de ‘Jumbo é bem pequeno’ como “o tamanho de Jumbo é um dos menores que um elefante de sua idade pode ter”.

aproxima mais ou menos de um certo tom tomado como referência, a leitura gradual aparece; em (23/24), ‘azuis’ se comporta como um AG:

- (21) #O carro dele é menos amarelo que o meu.
- (22) Estou precisando de uma caneta (*muito) vermelha.
- (23) Os olhos de Luís são bem azuis.
- (24) Os jeans de Luís são bem azuis.

Evidentemente, o tom de azul tomado como referência em (23) não é necessariamente o mesmo que serve de parâmetro em (24): uma peça de brim dificilmente terá a mesma tonalidade encontrada na íris humana. Mas as sentenças (23) e (24) podem ser verdadeiras mesmo que os tons das calças e dos olhos sejam distintos. Isso porque em cada uma das sentenças é assumido um parâmetro diferente. No caso de (23), o parâmetro é um tom de azul tipicamente associado à classe de olhos humanos; em (24), o parâmetro é um tom de azul típico da classe dos tecidos de brim. Em ambos os casos, ‘bem azuis’ significa que o argumento do AG apresenta um tom igualzinho ao do parâmetro assumido; ou seja, que o grau da propriedade exibido pelo argumento do AG e o grau de propriedade marcado para o parâmetro coincidem.

Considerações finais

Argumentamos neste artigo que, apesar de sua aparente sinonímia, ‘bem’ e ‘muito’ requerem parâmetros de tipos diferentes e produzem relações diversas entre os graus comparados, a ponto de o produto da modificação ter condições de verdade diferentes. ‘Bem’ requer que o parâmetro seja uma categoria à qual o argumento do AG pertença; ‘muito’ aceita como parâmetro qualquer indivíduo provido pelo contexto. ‘Muito’ requer que o grau do argumento do adjetivo e o do parâmetro estejam disjuntos; ‘bem’ requer que estejam sobrepostos.

Essa análise conduz a um posicionamento teórico muito interessante, quanto à semântica de graus. Assumindo que escalas sejam um recurso do aparato conceitual e cognitivo humano, que subjaz à semântica de todas as línguas humanas (DEMONTE, 2008), espera-se que as diversas estruturas lógicas possíveis para escalas determinem a semântica dos adjetivos de grau em todas as línguas naturais. Realmente, os conceitos de escala fechada ou aberta, de polo aberto ou fechado, de polo negativo ou positivo nos parecem tão operacionais para os adjetivos de grau do PB quanto, segundo Kennedy e McNally (2005), são para os do inglês. Eles são ferramentas preciosas para descrever os adjetivos de grau do PB, assim como para a descrição da semântica de graus do inglês.

O exame dos dados nesse quadro teórico nos leva a postular uma diferença paramétrica entre o PB e o inglês. Segundo Kennedy e McNally (2005), os MGs do inglês selecionam os AGs que intensificam segundo o tipo de estrutura de escala ou de parâmetro. ‘Much’, por exemplo, só modifica AGs de escala fechada no grau mínimo; ‘very’ só modifica AGs de parâmetro relativo; e ‘well’ só modifica AGs de parâmetro absoluto e com escala fechada no grau máximo. O PB não é assim. Os MGs do PB modificam

indiferentemente AGs com qualquer tipo de escala ou parâmetro. Porém, o resultado da modificação por um ou outro MG tem sempre um tipo de parâmetro e/ou de escala definido. ‘Muito’ sempre produz sintagmas adjetivais complexos de parâmetro relativo, qualquer que seja o parâmetro ou a estrutura de escala do AG previamente à intensificação. O parâmetro de sintagmas adjetivais complexos com ‘bem’ é sempre uma categoria a que o argumento do AG pertença. Isso “protege” os sintagmas adjetivais complexos com ‘bem’ dos efeitos da manipulação contextual, já que o argumento do AG pertencerá às mesmas categorias, em qualquer contexto. Assim, o parâmetro do MG ‘bem’ se aproxima do tipo absoluto. ‘Bem’ sempre requer que os graus comparados se sobreponham, o que só AGs não-modificados absolutos, de polo fechado, requerem; isso também favorece a classificação dos sintagmas adjetivais complexos contendo ‘bem’ como absolutos. Já o MG ‘muito’ requer disjunção entre o parâmetro e o grau do argumento do AG, tal como os AGs relativos não-modificados.

Aparece claramente, no produto de modificação por ‘muito’ ou ‘bem’, a oposição relativo-absoluto. Enquanto ‘very’ (inglês), segundo Kennedy e McNally (2005), escolhe como argumento um AG relativo, ‘muito’ (PB) toma um AG de qualquer natureza e constrói com ele um sintagma adjetival complexo relativo. Ao passo que ‘well’ (inglês), segundo os mesmos autores, escolhe como argumento um AG absoluto de escala fechada no grau máximo, ‘bem’ (PB) toma como argumento AGs com qualquer estrutura de escala e com qualquer tipo de parâmetro e constrói com ele um sintagma adjetival complexo absoluto, nos termos que descrevemos.

Concluimos que, em PB, é o produto da modificação por MGs que tem parâmetro e/ou estrutura de escala fixa. Isso diferencia o PB do inglês, em que o tipo de parâmetro ou de estrutura de escala determina quais AGs cada MG poderá ou não modificar. Aquilo que importa em inglês para a seleção do argumento do intensificador identifica, em PB, o sintagma complexo resultante da modificação. Em PB, é o produto da operação de intensificação que se conforma a um tipo determinado de parâmetro ou de escala.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DEMONTE, Violeta. Meaning-form correlations and the order of adjectives in Spanish. In: KENNEDY, Christopher; MCNALLY, Louise (Orgs.) *The Semantics of Adjectives and Adverbs*. Oxford: Oxford University Press, 2008. p. 71-100.

FOLTRAN, Maria José. A alternância entre adjetivos e advérbios como modificadores de indivíduos e eventos. In: *Nos domínios do verbo*. Curitiba: UFPR, v.1, ago. 2007. p. 12-13. Disponível em: <http://www.pgletras.ufpr.br/eventos/docs_eventos/Maria_Jose_Foltran.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2009.

_____; CRISÓSTIMO, Gisele. Os adjetivos participiais no português. *Revista de Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, v.13, n.1, jan./jun. 2005. p. 129-154.

ILARI, Rodolfo et al. Considerações sobre a ordem dos advérbios. In: CASTILHO, Ataliba T. *Gramática do português falado I: a ordem*. Campinas: UNICAMP, 1993. p. 65-140.

KENNEDY, Christopher; MCNALLY, Louise. Scale structure, degree modification, and the semantics of gradable predicates. *Language*, v. 81, n. 2, 2005. p. 345-381.

QUADROS GOMES, Ana. *O efeito grau máximo sobre os domínios: como todo modifica a relação argumento-predicado*. 209 f. 2009. Tese (Doutorado em Linguística. Área de Concentração: Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-18082009-113413>> Acesso em: 05 jan. 2010.